

2

Identidade e aparência na pós-modernidade

A pós-modernidade caracteriza-se pela proliferação de diversas tecnologias que vêm modificando nosso cotidiano com extrema velocidade. Em consequência desse processo, se liquefazem as fronteiras entre natureza e cultura, assim como as morais universais, as instituições sociais, os costumes, os antigos valores racionalistas, enfim, os fundamentos usados até então para justificar e guiar os modos de vida modernos.

A velocidade e o caráter massivo, direto e envolvente, dos meios de comunicação eletrônicos que nos rodeiam, principalmente os audiovisuais, permitem hoje que as pessoas compartilhem vivências diversas, produzindo um grau de aproximação e interação social até então impossíveis. Este novo cenário é pensado já no século passado por Marshall McLuhan (1969) através da metáfora do mundo como uma “aldeia global”. Ele considera ainda que as tecnologias de informação funcionam como extensões do homem, instaurando novas formas de percepção, ampliando nossa sensibilidade e abrindo novas possibilidades de compartilhar experiências grupais.

Para o seguimento desse trabalho optei pela adesão ao conceito de estética desenvolvido por Maffesoli ao longo de seus escritos como sendo “a faculdade de sentir em comum” que pode se revelar na apresentação das formas. Este termo compreende as idéias de compartilhar e experimentar juntos emoções, a participação em um mesmo ambiente, a comunhão dos mesmos valores, um fazer parte de uma “teatralidade geral” que dá sentido aos elementos reunidos que compõem nossos saberes e a superfície das nossas criações que, inclusos em um funcionamento simbólico, indicam nossa posição em relação a outros. Neste contexto ele ressalta o valor da experiência vivida em conjunto, resultante de relações centradas em afinidades comuns. Ela é um vetor de criação, uma potência constituinte do mundo que surge agora a partir de uma dinâmica plural. É neste cenário que a função ética da estética, essa “maneira de ser experimentada com outros”, se faz presente. Sendo assim, seguindo a idéia do autor, a atenção dirigida

aqui se volta não somente ao *flyer* como objeto artístico, mas também para o seu percurso de criação por se tratar do fruto de um processo existencial.

A eclosão de formas de vida alternativas na pós-modernidade¹ não significou a extinção de códigos específicos operantes na regência de seus grupos. Segundo Lyotard, “no Ocidente, a sociedade não é dada. Ela se procura, procura compor e organizar seu estar junto e seu estar no mundo” (Lyotard, 1996, p.24). As posições ocupadas pelos indivíduos dentro de uma sociedade, que antes eram determinadas por suas classes, religiões, etnias e gêneros, atualmente não mais são prescritas. Seus papéis não são fixos. Agora as identidades e os “lugares” que ocupam no mundo são construídos pelo e sob o olhar do outro, dentro de um conjunto de referências partilhadas em sociedade.

Hoje os padrões de configurações (..) mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventários das tarefas individuais. Em vez de preceder a política-vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar *dela*), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas de vida” – ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social. (Baumann, 2001, p.14)

A lógica do dever-ser e do estar junto até então era ditada por uma moral dominante e rígida. Com o aniquilamento da identidade ganha pelo homem em seu nascimento, o sentimento de um pertencer comum passou a ser fabricado e orientado em um complexo jogo de aparências, situações, encontros, atos e gestos, ou seja, em um conjunto de emoções experimentado dentro do todo social, e “como as coisas são os ornamentos simbólicos das identidades e as ferramentas dos esforços de identificação, as pessoas logo as seguem” (Baumann, 2001, p.100). Hoje prevalece o relativismo, uma ética dependente de seus grupos que procuram se organizar seguindo seus meios de identificação. Para Hall,

(...) em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (Hall, 2002, p.39)

¹ Maffesoli não entende este termo por um conceito, mas como um conjunto de categorias e sensibilidades diferentes das que vigoraram na modernidade.

Observando que os vínculos sociais se dão na contemporaneidade através de manifestações de agregação, Maffesoli recorre então à metáfora da “tribo” para nomear esses agrupamentos criados a partir da empatia:

Estamos longe do *universalismo* moderno, o do Iluminismo, o do Ocidente triunfante. Universalismo que era, de fato, apenas um etnocentrismo particular generalizado: os valores de um pequeno cantão do mundo extrapolados em um modelo válido para todos. O tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida societal. (Maffesoli, 2006, p.11)

As atrações e repulsões são construídas por escolhas ou interesses particulares. Assim, a tribo é estruturada em torno da proxemia, um sentimento de simpatia que, por sua vez, é regido pela aparência e gostos comuns aos seus indivíduos, moldurando o espaço por eles ocupados. Seu objetivo é inclinado ao afetivo, repousando no prazer proporcionado pela sua comunhão. Maffesoli chama este fenômeno de “práticas de rede”,

(...) somente em um processo de massificação constante se operam condensações, organizam-se tribos mais ou menos efêmeras que compartilham valores minúsculos, e que em um ballet sem fim entrecruzam-se, atraem-se, rejeitam-se, em uma constelação de contornos nebulosos e perfeitamente flúidos. Esta é uma característica das sociedades pós-modernas. Dessa forma, a unicidade da constelação em questão é feita de entrecruzamentos e da correspondência de microvalores éticos, religiosos, culturais, sexuais, produtivos, que, por sedimentação, constituem o solo da comunicação. (Maffesoli, 1990, p.8)

Porém, mais importante que as partes e elementos envolvidos nessa mistura que faz visível a união da tribo, é a própria ligação em si que está sendo privilegiada. Como consequência disso, já que o “porquê” não é o principal motivo dessas alianças, elas se tornam bastante maleáveis. A falta de engajamento e a passagem de um grupo para outro é uma constante por parte dos indivíduos de uma tribo.

O psicanalista e teórico da comunicação MD Magno (2007) retoma o conceito de pessoa, que em latim quer dizer *persona*, máscara, assumindo personagens de acordo com os cenários que frequenta. Em consonância com as questões do século XXI, ele afirma que uma pessoa é um conjunto de formações articuladas em rede que se (re)configura conforme seus exercícios.

Dentro da tribo não há nenhum objetivo “maior” a ser alcançado no esforço consumido para sua constituição além da sua própria existência. É a manutenção de sua identidade como grupo que sobressai. Ela é o fim em si. O que importa aqui então é somente o clima gerado na ocasião presente. “É o que vamos

encontrar também na música “techno”, constituída de pedaços (*samples*) variados, momentos intensos que suscitam, como sabemos, êxtases, saídas de si mesmo, cuja característica essencial é efetivamente a fusão grupal” (Maffesoli, 2007, p.82). E isso não diminui em nada o gozo vivido nos encontros festivos.

Os membros de uma tribo se (re)unem em torno de ambientes, idéias, sensações, sentimentos e desejos que dividem e que também forjam uma carga imaginária. Seus símbolos de reconhecimento se elaboram no percurso das práticas culturais e participações em grupos afetivos. À estética, que mantém esse vínculo profundo com nosso imaginário e opera como lógica comunicacional, cabe a missão de convergir as vontades e ações, permitindo o equilíbrio da sinergia social. Essa busca estética é também uma procura pela legitimação de um pertencer grupal. Integrando o inconsciente coletivo, ela exerce a função simbólica de afirmação dos seus respectivos indivíduos, moldando e explanando suas identidades. “Pode-se acrescentar que, desde que a sociedade se miniaturiza (clãs, tribos), sua necessidade de emblemas, de totens, de símbolos, faz-se mais premente, nem que seja para fortalecer uma agregação que não tenha uma solidez institucional” (Maffesoli, 1996, p.168). Logo, é o conjunto de aparências e ações assumidas por um indivíduo participante de uma determinada tribo que revelará seu investimento e comprometimento para com seus semelhantes.

A estética terá, portanto, por função ressaltar a eficácia das formas de simpatia e seu papel de ‘laço’ social no novo paradigma que se esboça. Desde o momento em que se esteja de acordo sobre a correspondência orgânica que liga as pessoas, “as palavras e as coisas”, a partir do momento em que se reconheça que todas as situações, todas as experiências, por menores que sejam, participam de um ambiente geral, a partir do momento em que nos dediquemos a sublinhar que os imaginários de diversas espécies irrigam em profundidade a vida societal, então, será, para retomar uma expressão da Escola de Frankfurt, “a atividade comunicacional” prevalecerá, se quisermos compreender o que chamei a idéia obsedante do estar-junto. (Maffesoli, 1996, p.33)

Se “o sensível é sempre presenteado, aqui e agora, nas formas”, (Lyotard, 1996, p.33) partilhando essas mesmas imagens de identificação os membros da tribo evidenciam suas posições e (re)afirmam a sua existência. O mesmo acontece com as produções que dali emergem. Desde as mais simples e efêmeras criações de um indivíduo no seu cotidiano até as obras que atravessam seu tempo, constituindo as referências de uma cultura, o que está em questão é a forma como se arquiteta o que Maffesoli nomeia “o teatro do mundo”. MD Magno leva ao extremo a relação entre estética e produção de conhecimento afirmando que não

apenas no campo da arte como em qualquer outra produção humana sempre se trata de aparências:

Não temos com o que lidar senão com as aparências, sejam quais forem os meios empregados – meio no sentido de mídia, *media*, em latim. Podemos usar binóculos, telescópios, olhos, óculos, aparelhos de escuta, o que quisermos, mas a única coisa que temos são as aparências, não há nada mais (...). (Magno, 2007, p.145)